

Comportamento Semanal de Mercado

25 de outubro a 1 de novembro



Aperto monetário e ancoragem das expectativas

Solidificou-se a perspectiva da necessidade de intensificação do ciclo de aperto monetário, com a deterioração no quadro do balanço de riscos, manifestada na conjugação do hiato do produto positivo e no mercado de trabalho aquecido com as pressões na inflação corrente, a piora na composição das medidas qualitativas, a ampliação na desancoragem das expectativas inflacionárias e a significativa depreciação cambial.

O Boletim Focus indica elevações de 0,50 p.p. na Selic em novembro e em dezembro, com a taxa encerrando 2024 em 11,75% a.a.. O ciclo prosseguiria em 2025, com o indicador chegando a 12,50% a.a. em junho. A retomada do ciclo de flexibilização monetária iniciaria-se em julho com uma queda de -0,25 p.p.. Contemplando esses ajustes, a projeção para a Selic ao final de 2025 subiu de 11,25% a.a. em 25/10 para 11,50% a.a. em 01/11. Na semana, apurada pela curva futura de juros, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,34 p.p. para 8,52% a.a., nível inequivocamente contracionista.

Com a pressão com o mau humor no cenário externo, por causa de uma eventual política protecionista nos EUA, e a recorrente preocupação com a dinâmica fiscal, o real encerrou a semana com uma forte depreciação de 2,85%, com o dólar cotado a R\$ 5,87 – o maior patamar desde 13/05/20. Com algum impacto da trajetória do câmbio, persiste o movimento de ampliação na desancoragem das expectativas inflacionárias, ainda que se tenha um cenário base de maior aperto monetário. No Boletim Focus, as projeções de 2025 elevaram-se de 4,00% em 25/10 para 4,03% em 01/11, as de 2026 de 3,60% para 3,61% e no horizonte relevante para a política monetária de 3,88% para 3,89%.

Reiterando a força da atividade econômica, a produção industrial cresceu 1,1% em setembro, elevando a variação acumulada em 12 meses de 2,36% a.a. em ago/24 para 2,60% a.a.. Na mesma linha, a taxa de desocupação caiu para 6,4% no trimestre findo em setembro, com a população ocupada atingindo novo recorde (103 milhões) e a desocupada no menor nível desde jan/15 (7,0 milhões). Como reflexo do bom momento, o déficit em transações correntes acumulado em 12 meses chegou a -2,07% do PIB em setembro, sendo financiado com folga pelos investimentos diretos no país (IDP), em 3,20% do PIB.

Visto que a inflação nos EUA parece caminhar de forma sustentável em direção à meta de 2,0% e a atividade rumar para um pouso suave, consolidaram-se as apostas de uma flexibilização mais gradual pelo *Federal Reserve* (Fed), com corte de -0,25 p.p. em novembro. O índice de preços de gastos com consumo (PCE) desacelerou de um avanço de 2,3% a.a. em agosto para 2,1% a.a., com a taxa de desemprego mantendo-se em 4,1% a.a..

Na agenda da semana, além da decisão do Copom, enfoque no resultado do IPCA de outubro, que pode reforçar as preocupações com o comportamento da inflação, nos números fiscais, da balança comercial e setor automotivo. No exterior, os destaques recaem para as eleições presidenciais nos EUA e decisão do Fed.

Expectativas

Ainda ajustando-se aos recentes números não tão favoráveis, a mediana das projeções no Boletim Focus para o IPCA de outubro ampliou-se de 0,51% em 25/10 para 0,53% em 01/11. Mesmo com a adoção da bandeira tarifária amarela nas contas de energia elétrica em novembro, a mediana das previsões para o mês conservou-se em 0,20%. Para dezembro, a expectativa aumentou de 0,50% para 0,55%. Com isso, a mediana das projeções para o IPCA de 2024 elevou-se de 4,55% para 4,59% (4,38% há 4 semanas), superando ligeiramente o teto de 4,50%.

Mesmo com uma trajetória esperada de mais aperto na política monetária, persiste o movimento de ampliação da desancoragem nas expectativas de inflação. A previsão para o IPCA de 2025 passou de 4,00% para 4,03% (3,97% há 4 semanas). Para 2026, a estimativa para o indicador oscilou de 3,60% para 3,61% (3,60% há 4 semanas), enquanto para 2027 acomodou-se em 3,50%. No horizonte relevante para a política monetária de 18 meses à frente (mar/26), a estimativa da inflação acumulada em 12 meses ampliou-se de 3,88% para 3,89%.

Com o recrudescimento da volatilidade no mercado de ativos, houve uma elevação nos prêmios de risco nas negociações de NTN-Bs. Dessa forma, a curva da inflação implícita indicou uma alta na semana de 0,09 p.p. para 6,08% para o prazo de 1 ano, de 0,05 p.p. para 5,75% para o de 2 anos e de 0,13 p.p. para 5,77% para o de 3 anos.

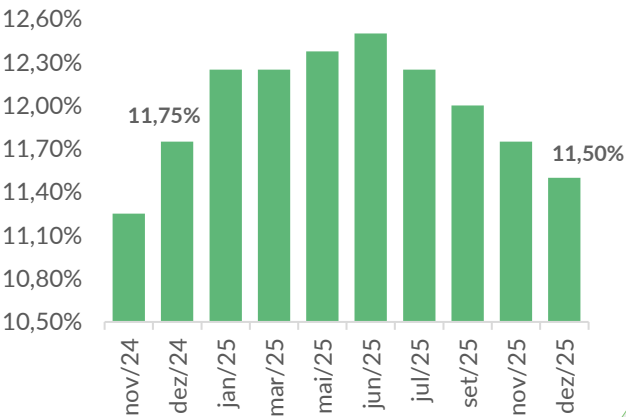
Com as esperadas elevações de 0,50 p.p. na Selic em novembro e em dezembro, a taxa encerraria este ano em 11,75% a.a. (11,75% a.a. há 4 semanas). Com o ciclo prosseguindo em 2025, o indicador chegaria a 12,50% a.a. em junho. A retomada do ciclo de flexibilização monetária iniciar-se-ia em julho com uma queda de -0,25 p.p.. Contemplando esses ajustes, a projeção para a Selic ao final de 2025 subiu de 11,25% a.a. em 25/10 para 11,50% a.a. (10,75% a.a. há 4 semanas). Para 2026, elevou-se de 9,50% a.a. para 9,75% a.a. (9,50% a.a.). Já para o final de 2027 saiu de 9,00% a.a. para 9,25% a.a. (9,00% a.a. há 4 semanas).

Em relação à atividade econômica, projeta-se que o PIB cresça 3,10% em 2024, contra 3,08% em 25/10 (3,00% há 4 semanas). Devido ao aperto nas condições financeiras, a atividade deve desacelerar para 1,93% em 2025 (1,93% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as projeções acomodaram-se em 2,00%.

Ajustando-se à pressão no mercado de câmbio, houve elevação na mediana das projeções para a cotação do dólar. Para o término de 2024, a taxa saltou de R\$/US\$ 5,45 para R\$/US\$ 5,50 (R\$/US\$ 5,40 há 4 semanas). Para 2025 passou de R\$/US\$ 5,40 para R\$/US\$ 5,43 (R\$/US\$ 5,39 há 4 semanas). Para 2026, a cotação saiu de R\$/US\$ 5,33 para R\$/US\$ 5,40 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas) e para 2027 de R\$/US\$ 5,35 para R\$/US\$ 5,40 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas).

Por fim, as projeções fiscais não se alteraram, a despeito do agravamento das preocupações com as contas públicas. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 ficou em -0,60% (-0,60% há 4 semanas). Para 2025, continuou em -0,70% do PIB (-0,73% há 4 semanas), enquanto para 2026 seguiu em -0,50% do PIB (-0,67% há 4 semanas) e para 2027 em -0,30% do PIB (-0,30% há 4 semanas).

Projeções Selic (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

Internacional

O consolidado dos indicadores norte-americanos divulgados ao longo da semana reforçou as perspectivas de que o Fed adote uma posição mais cautelosa no processo de flexibilização da política monetária. Em mais um indicativo de que as pressões inflacionárias estão sob controle, o índice de preços de gastos com consumo (PCE) desacelerou de um aumento de 2,3% a.a. em ago/24 para 2,1% a.a. em setembro. Embora com aceleração em relação à alta de 0,1% em ago/24, a elevação de 0,2% na margem alinhou-se com as expectativas de mercado.

Excluindo-se os voláteis itens de preços de energia e de alimentos, o indicador avançou 0,3% em base mensal, após uma alta de 0,2% em ago/24, também em linha com o que se esperava. No comparativo anual, o núcleo do deflator do PCE crescia em 2,7% a.a., mesmo nível registrado em ago/24, mas superando o consenso (2,6% a.a. pela London Stock Exchange Group - LSEG). A renda pessoal subiu 0,3% entre ago/24 e setembro, dentro das expectativas. Com a revisão do número de ago/24 de +0,2% para +0,3%, os gastos com consumo aumentaram 0,5% no período, superando as estimativas dos analistas (0,2% pela FactSet). O

Impulsionada pela melhora na avaliação sobre a disponibilidade atual de empregos, após meses sucessivos de fraqueza, a confiança dos consumidores, medida pelo Conference Board, cresceu de 99,2 em set/24 para 108,7 em outubro, o maior ganho mensal desde mar/21. Em contraste, o índice de gerentes de compras (PMI) industrial do ISM caiu de 47,2 em set/24 para 46,5, ficando abaixo do esperado (47,3 pts. pela FactSet).

Embora com crescimento sólido, o avanço do PIB desacelerou de 3,0% a.a. no 2T24 para 2,8% a.a. no 3T24. Apontando uma redução considerável nas condições do mercado de trabalho, por causa da passagem de 2 furacões nos EUA, o relatório *payroll* revelou a criação líquida de apenas 12 mil vagas de emprego em outubro, bem abaixo das projeções (100 mil pelo *The Wall Street Journal*). A taxa de desocupação manteve-se em 4,1%, mesmo nível de set/24 e em linha com o esperado. Ainda, os números de empregos anteriores foram revisados para baixo, de 159 mil para 78 mil em ago/24 e de 254 mil para 223 mil em set/24. Os ganhos médios por hora trabalhada cresceram em 0,4% no mês, para US\$ 35,46.

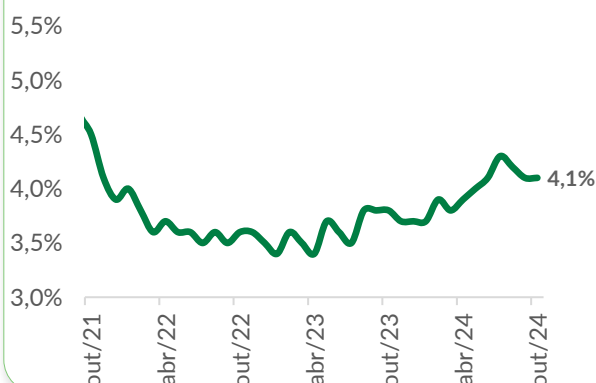
Em consonância com o payroll, o relatório Jolts mostrou que o número de vagas nos setores não-agrícolas diminuiu de 7,9 milhões em ago/24 para 7,4 milhões. Com o menor nível desde jan/21, o número ficou abaixo das projeções (8,0 milhões pela Reuters). Por sua vez, a ADP revelou que o emprego no setor privado cresceu acima do esperado em outubro, em 233 mil vagas, ante previsões de 108 mil pela FactSet. Já os pedidos semanais por seguro-desemprego continuaram caindo, recuando em 12 mil na semana finda no dia 26, para 216 mil solicitações, ante previsão de 230 mil pela Reuters. A média de 4 semanas diminuiu em 2,2 mil, totalizando 236,5 mil.

Mostrando sinais de recuperação, o PMI da China subiu de 49,8 em set/24 para 50,1, marcando a 1ª expansão em 6 meses, ao passo que o PMI não industrial avançou de 50,0 para 50,2, sugerindo que as recentes medidas de estímulos de Pequim estão começando a impulsionar a atividade econômica e a aumentar a confiança em todos os setores.

Acelerando em relação ao crescimento na margem de 0,2% no 2T24, o PIB da Zona do Euro aumentou 0,4% no 3T24, mais do que previsto (0,2% pela Bloomberg), parcialmente estimulado pela recuperação na Alemanha. Ao mesmo tempo, a confiança do consumidor apresentou ligeira melhora em outubro, ao passar de -12,9 pts. em set/24 para -12,5 pts..

Atingindo o objetivo do Banco Central Europeu (BCE), a inflação ao consumidor (CPI) ficou em 2,0% a.a. em outubro, acima dos 1,7% a.a. em set/24 (1,9% a.a. pelo *The Wall Street Journal*). O núcleo do CPI, que exclui os preços de energia, alimentos, álcool e tabaco, permaneceu inalterado em 2,7%, o mais baixo desde fev/22.

EUA – Taxa de Desocupação



Fonte: Fred Economic Data. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Com a mitigação das pressões inflacionárias e a atividade exibindo um bom dinamismo, as apostas de mercado são para 2 cortes de -0,25 p.p. na *Fed Funds* em 2024. Contudo, apesar do cenário base indicando um “pouso suave” na atividade econômica dos EUA e dos bons resultados corporativos divulgados na semana, prevaleceu no período o mau humor dos agentes, refletindo as incertezas tanto quanto às eleições e o aumento das tensões geopolíticas.

Segundo a ferramenta FedWatch do CME Group, na sexta-feira (01/11), a probabilidade de uma redução de -0,25 p.p. em 07/11 era de 98,9%. Já para o encontro de dezembro, a chance de mais um corte de -0,25 p.p. era de 82,7% (69,0% em 28/10), o que levaria a taxa entre 4,25% e 4,50% a.a.

Com o entendimento de que uma eventual prática de políticas protecionistas no novo mandato presidencial elevaria a inflação, interrompendo os cortes nas taxas básicas de juros, os retornos das *T-Notes* elevaram-se na semana, com altas de: 0,10 p.p. para 4,21% a.a. nas de 2 anos; 0,15 p.p. para 4,22% a.a. nas de 5; de 0,12 p.p. para 4,37% a.a. nas de 10; e 0,06 p.p. para 4,57% a.a. nas de 30 anos.

No período, observaram-se perdas nas principais bolsas internacionais, com quedas de: -1,50% na Nasdaq; de -1,37% na S&P 500; de -0,15% no Dow Jones; de -1,07% no DAX 40; -0,87% no FTSE100; e -0,84% em Xangai. A exceção ficou para a alta de 0,37% no Nikkei 225.

Em consonância com a maior aversão ao risco, o mercado de *commodities* registrou quedas, com o preço da saca de soja na bolsa de Chicago recuando -0,53% e o minério de ferro negociado em Qingdao caindo -0,02%. Apesar de exibir uma recuperação no final da semana, com os temores de escalada no conflito do Oriente Médio, as dúvidas quanto ao equilíbrio entre oferta e demanda por petróleo segue impactando a cotação da *commoditie*, com o preço do barril tipo Brent fechando em US\$ 73,10, o que significou uma queda de -3,88% na semana.

Com a pressão com o mau humor no cenário externo e a recorrente preocupação com a dinâmica fiscal, o Ibovespa registrou uma perda na semana de -1,36%, voltando aos 128 mil pts., queda ocorrida graças às ações de empresas mais sensíveis à política monetária. Já o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, subiu 6,37 bps. no período para 163,84 bps., o que representou uma elevação de 31,41 bps. no acumulado do ano.

Após subir em set/24, o Indicador de Incerteza da Economia Brasileira (IIE-Br) da FGV caiu -3,0 pts. em outubro para 104,8 pts., patamar considerado como de incerteza moderada. Na métrica de média móvel trimestral, o indicador caiu -1,8 pt. para 106,8 pts.. Para a FGV, o resultado parece refletir o desempenho acima do esperado da economia no 2T24 e uma expectativa favorável, ao longo de outubro, quanto à possibilidade de ajustes necessários para sustentar o crescimento econômico e atender às metas fiscais.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	01/11/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	128.121	-1,36%	-3,30%	11,36%
Nasdaq	18.240	-1,50%	1,84%	37,20%
S&P	5.729	-1,37%	0,35%	32,68%
Dow Jones	42.052	-0,15%	-0,25%	24,27%
FTSE 100	8.177	-0,87%	-1,20%	9,81%
DAX 40	19.255	-1,07%	0,22%	27,15%
Nikkei 225	38.054	0,37%	-1,55%	19,10%
Xangai	3.272	-0,84%	-1,93%	8,73%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

Com a trajetória de flexibilização monetária em xeque, por causa de uma eventual prática de políticas protecionistas, o dólar encerrou a semana ganhando força frente às moedas de países emergentes, embora com relativa estabilidade em relação às divisas de países avançados.

No período, o *Dollar Index**, que mede o desempenho do dólar frente às moedas de países desenvolvidos, apresentou uma modesta alta de 0,02%, refletindo a apreciação de 0,35% no euro e as depreciações de 0,46% no iene japonês e de 0,29% na libra esterlina.

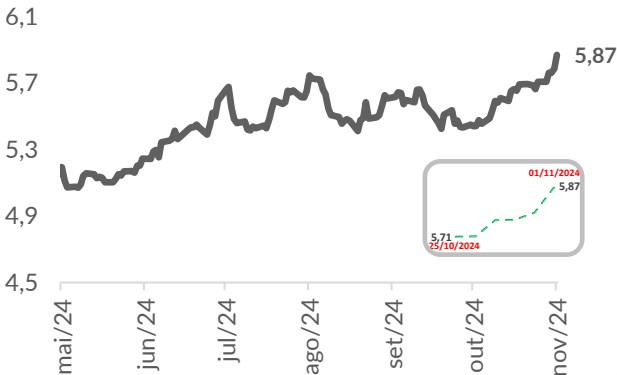
Com uma queda de -0,81% na semana, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar refletiu as depreciações de 2,39% no peso colombiano, de 1,49% no peso mexicano e de 0,54% no peso argentino, além da apreciação de 0,06% no rand sul-africano.

Com um desempenho inferior à média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana com uma forte depreciação de 2,85%, com o dólar cotado a R\$ 5,87 – o maior patamar desde 13/05/20 (R\$ 5,88). Ainda na semana, o Banco Central (BC) manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/12/2024.

Por fim, o fluxo cambial na semana entre os dias 21 e 25/10 registrou uma saída líquida de US\$ -1,67 bilhão, decorrente do superávit de apenas US\$ 15,0 milhões na conta comercial e do déficit de US\$ -1,69 bilhão na financeira. No acumulado do ano, o resultado é positivo em US\$ 7,00 bilhões (US\$ -56,40 bilhões na financeira e US\$ 63,41 bilhões na comercial).

***Cesta do *Dollar Index*:**
Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.
****Cesta de Moedas de países emergentes:**
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

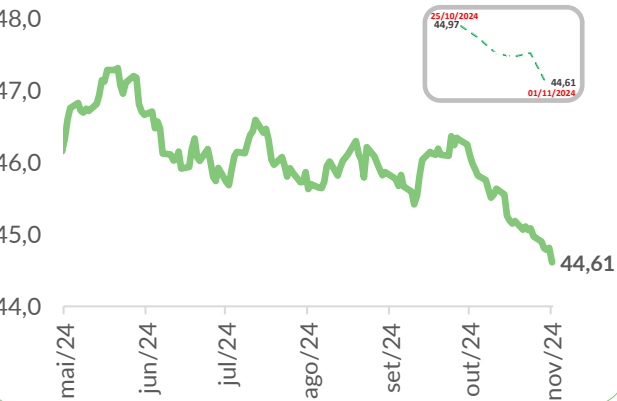
Real/US\$



Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	01/11/2024	Semana	Mês	12 meses	
Real	5,87	2,85%	7,90%	18,44%	
Euro	0,92	-0,35%	2,16%	-1,96%	
Libra esterlina	0,77	0,29%	2,80%	-5,58%	
Iene japonês	153,01	0,46%	6,58%	1,70%	
Rand sul-africano	17,65	-0,06%	1,43%	-4,16%	
Peso mexicano	20,28	1,49%	3,40%	15,81%	
Peso argentino	990,22	0,54%	2,10%	182,87%	
Peso colombiano	4435,88	2,39%	5,04%	9,68%	
Rúpia indiana	84,09	0,00%	0,32%	1,00%	

Índice de Emergentes**



Fonte: Bloomberg/JP Morgan/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Impactada por pressões internas - como o maior dinamismo do mercado de trabalho, aceleração da inflação no atacado e pela perda de confiança no regime fiscal - mas também pela elevação da taxa de juros internacional, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros encerrou a semana com fortes altas em todos os vértices ao longo da curva.

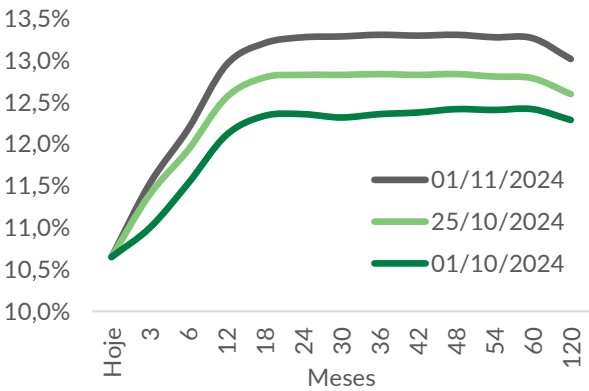
Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses subiu de 11,93% a.a. para 12,18%, a de 1 ano de 12,56% a.a. para 12,95%, a de 2 anos de 12,83% a.a. para 13,28%, a de 3 de 12,84% a.a. para 13,31%, a de 4 de 12,84% a.a. para 13,31%, a de 5 de 12,79% a.a. para 13,27% e a de 10 anos subiu de 12,60% a.a. para 13,02%.

Mesmo com a alta semanal de 0,04 p.p. na inflação esperada para os próximos 12 meses para 4,08%, a forte elevação na taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias, com o indicador aproximando-se de 13,00% a.a., a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,34 p.p. para 8,52% a.a., adentrando ainda mais em terreno contracionista quando comparado com o 4,75% a.a. considerados como neutro pelo BC.

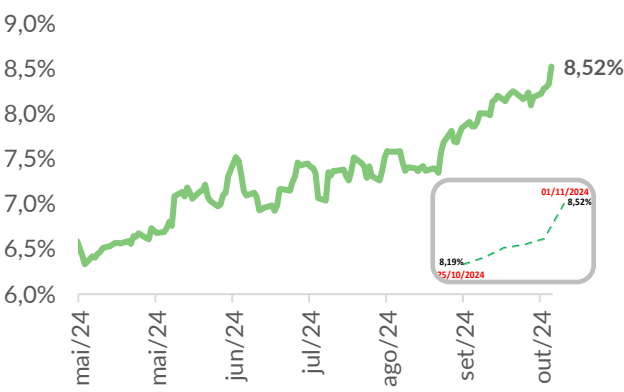
O mercado de opções do Copom na B3, no dia 01/11, apontava 86,0% de chance de uma elevação de 0,50 p.p. na taxa Selic na reunião desta semana (85,5% há 1 semana), e 50,5% para outra elevação de 0,50 p.p. na reunião de dezembro (63,5% há 1 semana). Embora em menor patamar, cresceram as apostas de uma alta de 0,75 p.p. nas próximas 2 reuniões, saindo de 9,5% para 11,5% para novembro e de 26,0% para 37,0% para dezembro.

Por fim, a medida de inclinação calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,03 p.p. na semana para 0,07 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, cresceu 0,02 p.p. para 0,09 p.p..

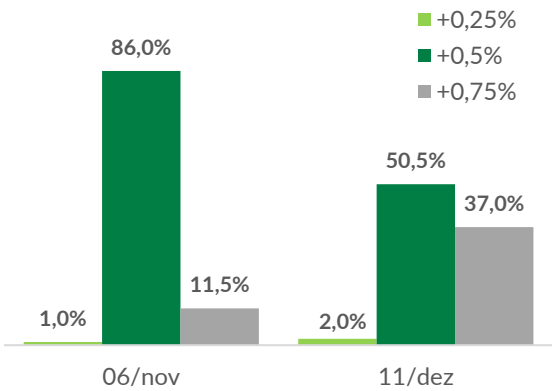
Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Probabilidade Copom
Mercado de opções do Copom B3 (01/11/24)



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-M- Out/24

Após uma alta de 0,62% em set/24, o IGP-M aumentou 1,52% em outubro, superando as projeções de mercado (1,48% pela Reuters). A aceleração foi puxada, principalmente, pelos preços das *commodities*. Com isso, o índice acumulou uma elevação de 4,20% no ano e a taxa anualizada avançou de 4,53% a.a. para 5,59% a.a. (-4,57% a.a. em out/23).

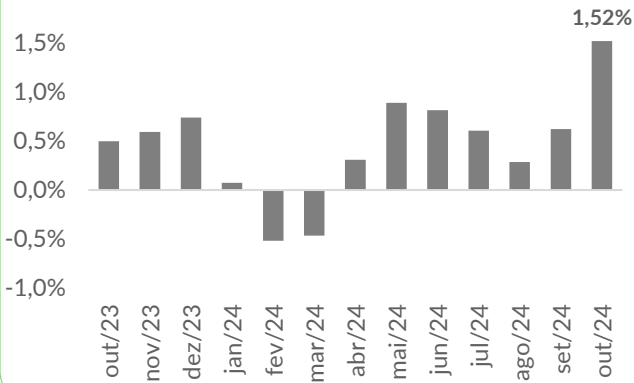
Com incremento significativo em relação a set/24, quando registrou alta de 0,70%, o IPA cresceu 1,94%. Esse movimento foi resultado da expressiva elevação em *commodities* como minério de ferro (7,20%), bovinos (11,33%) e soja em grãos (4,63%). Na análise por estágios de processamento, o aumento em Bens finais passou de 0,69% para 1,36%, dos Bens intermediários de 0,57% para 0,13% e das Matérias-Primas Brutas de 0,87% para 4,59%.

O IPC passou de uma alta de 0,33% em set/24 para 0,42%, intensificada pela aceleração em energia elétrica (5,51%), como consequência da adoção da bandeira tarifária vermelha, patamar 2. Dentre suas classes de despesas, houve aceleração em: Habitação (1,00% para 1,35%), Alimentação (-0,12% para 0,13%), Vestuário (-0,23% para 0,23%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,19% para 0,35%) e Comunicação (0,01% para 0,14%). Por sua vez, Educação, Leitura e Recreação (0,59% para -0,02%), Transportes (-0,01% para -0,12%) e Despesas Diversas (1,24% para 1,08%) exibiram recuos em suas taxas de variação.

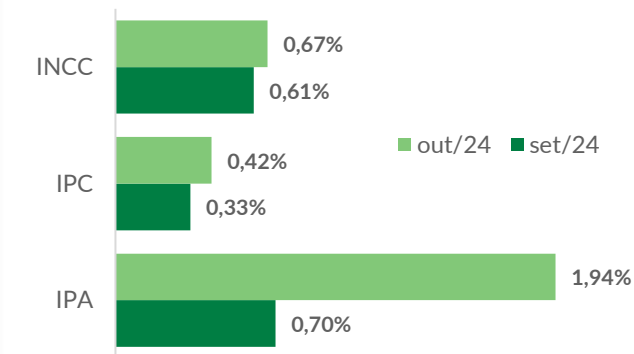
Com uma alta mais acentuada do que a taxa de 0,61% registrada em set/24, o INCC subiu 0,67%. Entre seus 3 grupos constituintes, houve aceleração em Materiais e Equipamentos (0,60% para 0,72%) e Serviços (0,50% para 0,70%), enquanto Mão de Obra registrou recuo, variando de 0,64% para 0,60%.

Por fim, considerando-se a taxa acumulada em 12 meses, o IPA variou de 4,51% a.a. em set/24 para 5,90% a.a. (-7,60% a.a. em out/23), o IPC passou de 4,25% a.a. para 4,42% a.a. (3,94% a.a. em out/23) e o INCC de 5,23% a.a. para 5,72% a.a. (3,37% a.a. em out/23).

Variação Mensal



Variação Mensal Por componentes



Variação Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Set/24

Com desempenho em linha com as expectativas de mercado, a produção física industrial aumentou 1,12% em setembro, após uma alta de 0,25% em ago/24, na série com ajuste sazonal. O mercado de trabalho aquecido e o aumento da renda favorecem a indústria, contudo, o aperto das condições financeiras deverá impactar a evolução futura do setor.

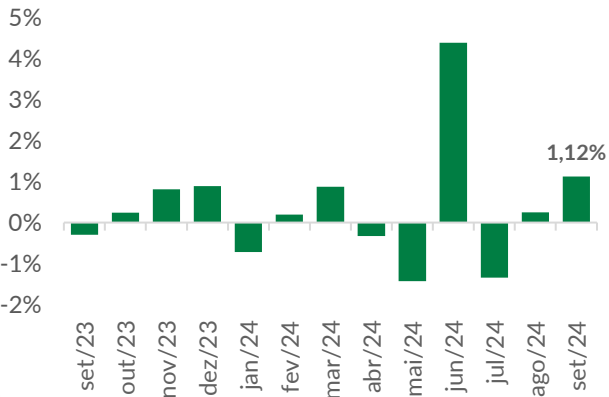
A dinâmica mensal refletiu a boa performance dos produtos derivados de petróleo e dos alimentícios. Destaque para as altas em: produção de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (4,3%), produtos alimentícios (2,3%), veículos automotores, reboques e carrocerias (2,5%), produtos do fumo (36,5%), metalurgia (2,4%) e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,3%). Em sentido inverso, a indústria extrativa (-1,3%), produtos químicos (-2,7%), outros equipamentos de transporte (-7,8%) e produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-3,7%) exerceram os principais impactos.

Dentre as grandes categorias econômicas, apenas a de bens de consumo duráveis exibiu queda (-2,7%). Por sua vez, houve expansão para os bens de capital (4,2%), bens intermediários (1,2%), bens de consumo semiduráveis e não duráveis (0,6%), bens de consumo (0,3%) e bens não especificado anteriormente (3,4%).

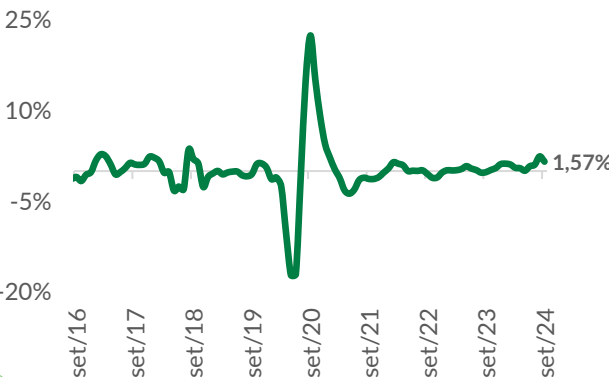
Ainda na série com ajuste, buscando capturar tendência, a média móvel trimestral para o total da indústria apresentou alta de 1,57% na margem em set/24, desacelerando em relação ao avanço de 2,43% em ago/24. Com o resultado do mês, o carregamento estatístico para o 4T24 ficou em 0,83% (-0,55% da extrativa mineral e 1,12% da indústria de transformação) e em 3,06% para o ano de 2024 (-0,32% da extrativa mineral e 3,63% da indústria de transformação).

A variação anual da produção acumulada em 12 meses acelerou de 2,36% a.a. em ago/24 para 2,60% a.a. (-0,01% a.a. em set/23). Em patamar 3,1% acima do período pré-pandemia (fev/20), a indústria situa-se -14,1% inferior ao ponto alto da série, alcançado em mai/11.

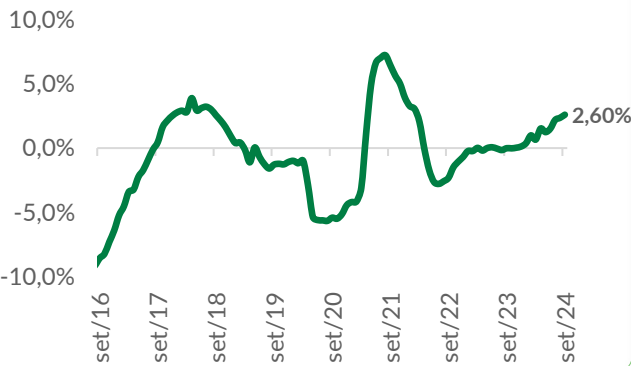
Variação Mensal



Variação Trimestral



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE . Elaboração ABBC

Transações Correntes – Set/24

Resultado de US\$ 36,01 bilhões em receitas e de US\$ -42,54 bilhões em despesas, o saldo das transações correntes foi de US\$ -6,53 bilhões em setembro. Embora, houvesse uma redução em relação aos US\$ -6,90 bilhões verificados em ago/24, o número superou as estimativas dos analistas de mercado (US\$ -5,0 bilhões pelo Broadcast).

No mês, o superávit da balança comercial elevou-se de US\$ 3,72 bilhões em ago/24 para US\$ 4,81 bilhões (-43,3% em relação a set/23), com US\$ 29,00 bilhões em exportações (+0,3%) e US\$ 24,19 bilhões em importações (+18,0%).

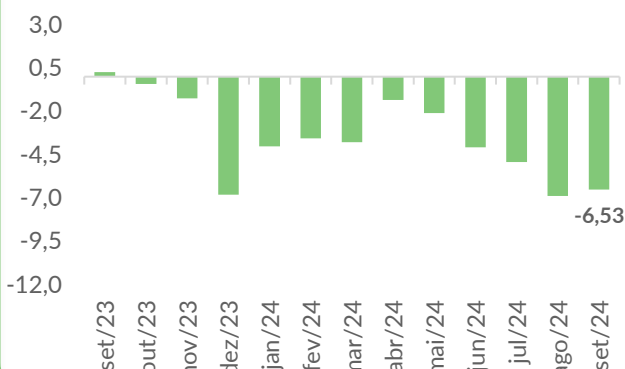
Ao mesmo tempo, ampliou-se o déficit da conta de serviços de US\$ -4,71 bilhões em ago/24 para US\$ -4,98 bilhões (US\$ -3,45 bilhões em set/23). Na margem, as despesas líquidas com serviços de transportes recuaram -4,6% (US\$ -1,45 bilhão em set/23), as com aluguel de equipamentos em -13,7% (US\$ -864,0 milhões) e as com serviços de propriedade intelectual em -5,9% (US\$ -741,0 milhões). Por sua vez, houve expansões no mês de 40,6% nas despesas com serviços de telecomunicação, computação e informações (US\$ -816,0 milhões) e de 2,3% nas viagens internacionais (US\$ -783,0 milhões).

Ainda, o déficit na conta de renda primária passou de US\$ -6,17 bilhões em ago/24 para US\$ -6,53 bilhões (US\$ 5,07 bilhões em set/23). As despesas líquidas de lucros e dividendos, associadas aos investimentos direto e em carteira, totalizaram US\$ 4,51 bilhões, aumento de 5,7% no mês.

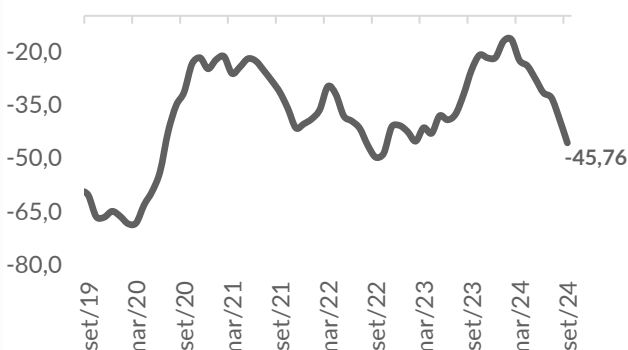
No ano, o saldo em transações correntes era deficitário em US\$ -37,26 bilhões, bem acima dos US\$ -13,24 bilhões observados em igual período de 2023. No acumulado em 12 meses, o déficit em transações correntes somou US\$ -45,76 bilhões em setembro (-2,07% do PIB), ante US\$ -38,97 bilhões em ago/24 (-1,76% do PIB) e US\$ -25,27 bilhões em set/23 (-1,20% do PIB).

Por fim, os IDP somaram US\$ 5,23 bilhões em setembro, após atingir US\$ 6,10 bilhões em ago/24 (US\$ 5,15 bilhões em set/23). No acumulado em 12 meses, ampliou-se de US\$ 70,63 bilhões em ago/24 para US\$ 70,71 bilhões (US\$ 60,43 bilhões em set/23), o equivalente a 3,20% do PIB, financiando com larga folga o déficit nas contas externas.

TC - Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



TC - Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



IDP - Saldo Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Emprego- Set/24

Com 2.163.929 admissões e 1.916.111 desligamentos, o Novo Caged apontou a abertura de 247.818 vagas formais no mercado de trabalho em setembro. Após uma geração de 239.113 postos em ago/24 (204.670 em set/23), o número superou as expectativas dos analistas de mercado (227.600 vagas pela Reuters).

No mês, houve um saldo positivo em 4 dos 5 principais grupamentos de atividade econômica. O destaque ficou para o setor de serviços, com a criação de 128,4 mil postos. Na sequência, 59,8 mil na indústria, 44,6 mil no comércio e 17,0 mil na construção civil. Por sua vez, a agropecuária registrou saldo negativo de -2,0 mil.

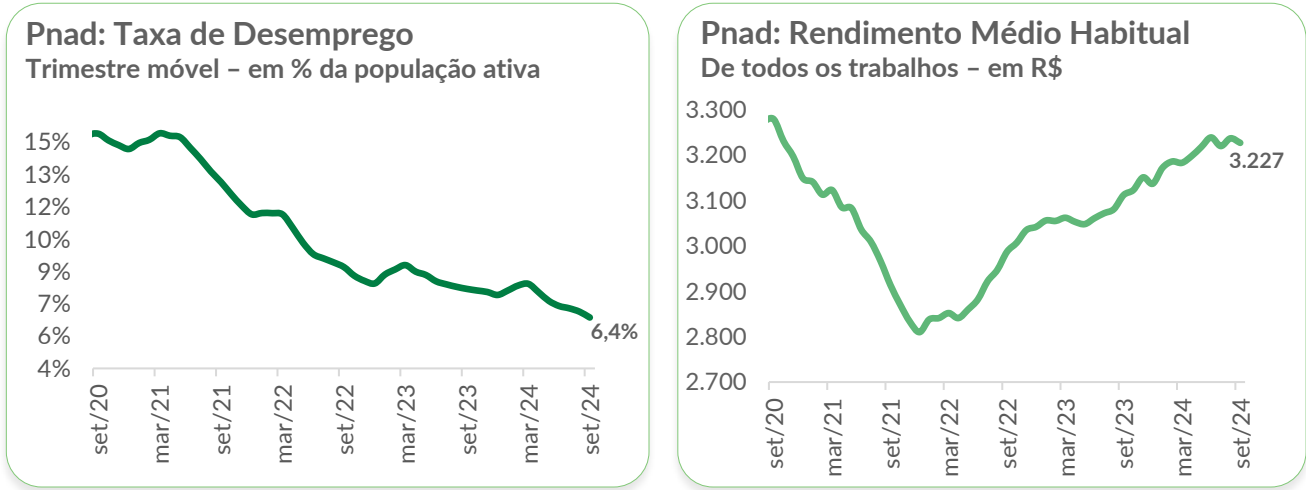
No acumulado do ano, o número de empregos formais cresceu 24,0% em relação a igual período de 2023, gerando mais de 1,981 milhão de postos de trabalho. O salário médio real de admissão recuou -0,4% na margem, para R\$ 2.158,96, mas com uma alta de 1,8% em relação a set/23.

Ratificando a solidez no mercado de trabalho, a Pnad Contínua mostrou que a taxa de desocupação caiu para 6,4% no trimestre findo em set/24, retrocedendo em -0,5 p.p. ante ao trimestre findo em jun/24 e em -1,3 p.p. frente ao mesmo trimestre móvel de 2023.

Ademais, a população desocupada recuou para 7,0 milhões, menor contingente desde jan/15, com reduções de -7,2% no comparativo trimestral e de -15,8% no anual. O total de trabalhadores ocupados bateu novo recorde, atingindo 103,0 milhões, com altas de 1,2% no trimestre e de 3,2% ante igual período de 2023. Os setores de indústria e comércio lideraram o aumento da ocupação, respectivamente com altas no trimestre de 3,2% e de 1,5% em seus contingentes. No período, juntos, os 2 grupamentos absorveram 709 mil trabalhadores.

Cabe destacar que o número de trabalhadores no setor privado chegou a 53,3 milhões, novo recorde da série, com alta de 2,2% no trimestre (5,3% no ano), com o crescimento de 3,9% nas ocupações sem carteira assinada (8,1% no ano) e de 1,5% das com carteira assinada (4,3% no ano).

Por fim, o rendimento médio habitual real das pessoas ocupadas diminuiu -0,4% no trimestre, mas com crescimento de 3,7% no comparativo anual, chegando a R\$ 3.227,00. Já a massa de rendimentos somou R\$ 327,7 bilhões, mostrando altas de 0,8% no trimestre e de 7,2% na comparação anual.



Sondagens da FGV- Out/24

Em outubro, as sondagens de confiança da FGV apresentaram sinais distintos, porém todos encontram-se abaixo do nível de 100 pts., que indica neutralidade.

Com queda na margem de -0,6 pt. para 99,9 pts. na série dessazonalizada, o indicador para a indústria recuou pelo 2º mês consecutivo. Apesar do bom comportamento da demanda, o setor apresenta novos sinais de aumento nos estoques.

Reduzindo-se em -1,2 pt., a confiança no setor do comércio atingiu 89,0 pts., com a piora na percepção do comportamento dos negócios levando a uma queda de -2,2 pts. no índice de situação atual e o índice de expectativas cedendo em apenas -0,1 pt..

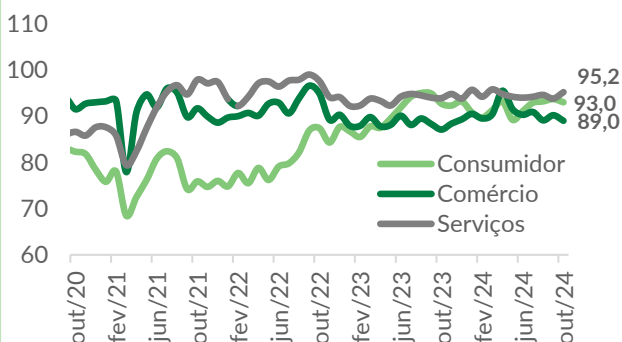
Em direção contrária, e com uma melhora disseminada em todos os segmentos, o indicador para serviços cresceu 1,4 pt. no mês para 95,2 pts., o maior nível desde mar/24 (95,8 pts.). Ademais, os bons resultados no cenário macroeconômico, em termos de emprego e renda, aliados ao avanço gradativo na confiança do consumidor, refletem em um bom momento dos serviços prestados às famílias.

Em relação à confiança da construção, cresceu apenas 0,1 pt. para 97,2 pts., expressando a cautela das empresas. A elevação dos juros e as mudanças nas regras de financiamento habitacional apontam para um cenário mais desafiador a frente.

Do lado dos consumidores, após 4 meses sucessivos em alta, o índice recuou -0,7 pt. em outubro, para 93,0 pts., respondendo ao movimento de acomodação das expectativas para os próximos meses. O índice de expectativas cedeu -2,5 pts. no mês, para 99,7 pts., enquanto o indicador que mede as avaliações sobre o momento atual avançou 2,0 pts. para 83,7 pts., alcançando o maior nível desde dez/14 (86,8 pts.).

Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) apontou resultados distintos para o mês. Para a indústria, diminuiu -0,8 pt. para 82,6 pts., ao passo que a construção aumentou 0,5 pt., para 79,7 pts..

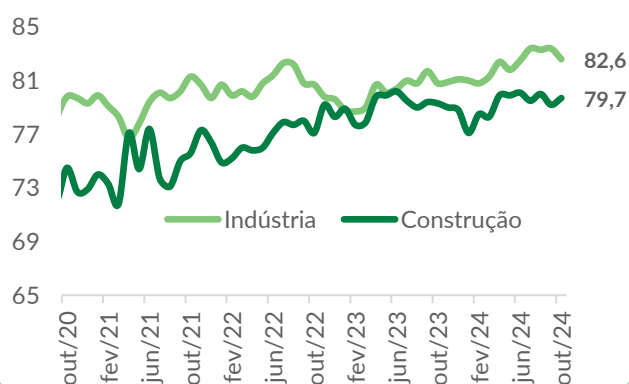
Índices de Confiança Dessazonalizados



Índices de Confiança Dessazonalizados



Nível de Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	3,1
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	11,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,40
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,6
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688